

## **Imagem social de mulheres negras universitárias: um contorno entalhado a partir do processo de formação**

Guedes, Claudia Rosane<sup>1</sup>  
Penna, Lucia Helena Garcia<sup>2</sup>

Este estudo aborda a temática das relações existentes entre a formação universitária e a imagem social de mulheres negras universitárias da área da saúde e suas possíveis transformações pessoais e sociais. Entendemos que a formação escolar consiste no conjunto de qualificação acumulado pela pessoa e é relativo ao seu papel produtivo na sociedade e tem como objetivo dar a conhecer ou atualizar os conhecimentos do indivíduo acerca de determinado tema. A possibilidade de aquisição da formação escolar formal guarda forte relação com a cor da pele de um dado indivíduo e que os indicadores educacionais de brancos e negros diferem em vários aspectos, com claras desvantagens para estes últimos. No que diz respeito à escolaridade média dos jovens brasileiros, verifica-se uma diferença negativa de 2,3 anos para a população negra considerando a escolaridade média dos adultos que regule em torno de 6 anos<sup>1</sup>. Os dados censitários apontam que 14 milhões de brasileiros com mais de 15 anos são de não analfabetos, e destes, 30% são brancos e 70% são pretos ou pardos<sup>2</sup>. Em relação à população feminina houve uma melhora considerável no acesso à universidade, pois estas têm mantido nos últimos anos uma média superior à dos homens quanto à escolaridade. Contudo, ao inserir as variáveis “raça” e “sexo” nessa discussão emergem questões importantes, pois se observam distinções significativas entre as mulheres dos dois principais grupos raciais brasileiros: as negras que ingressam no ensino superior encontram-se numa posição inferior à das brancas. Uma pesquisa realizada na Universidade Federal Fluminense (UFF) mostrou que o acesso ao ensino superior para as mulheres brancas está em torno de 10,8% e para as negras, apenas 5,6% da soma de pretas e pardas conseguem esse ingresso, o que caracteriza expressiva desvantagem à população negra quando comparada com a branca<sup>1</sup>. Considerando que a formação universitária produz uma valorização social e os seus desdobramentos influenciam nos papéis sociais vividos por este grupo. **Objetivos:** Buscamos assim, descrever a imagem social de mulheres negras na perspectiva de mulheres negras universitárias e sua autoimagem social; e analisar a influência da formação universitária na autoimagem social das mesmas. **Metodologia:** Pesquisa descritivo-exploratória com abordagem qualitativa, realizada com roteiro de entrevista semiestruturada com dez entrevistadas que se autodeclararam pretas ou pardas matriculadas em Programa de Pós-graduação (Mestrado) de uma universidade pública do Estado do Rio de Janeiro (Brasil). Após conhecerem o teor do estudo as depoentes assinaram e, assim validaram a participação na pesquisa. Para atender às exigências éticas e científicas fundamentais previstas na Resolução n.º 196, normatizada pelo Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisa envolvendo seres humanos<sup>3</sup>. Uma minuta do projeto foi encaminhada para uma análise formal dos respectivos coordenadores de cada Programa de Pós-Graduação da área da saúde. Após esta etapa o projeto foi encaminhado para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa, na Sub-Reitoria da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa, sob o n.º 071/2010. Após a aprovação do CEP, os

---

<sup>1</sup> Mestre em Enfermagem pelo Programa de Mestrado e Doutorado da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil. Email: [guedesclaudia@oi.com.br](mailto:guedesclaudia@oi.com.br).

<sup>2</sup> Profª Adjunta do Programa de Mestrado e Doutorado da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil

contatos foram estabelecidos via correio eletrônico (email) conforme a orientação dos respectivos secretários. As entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade das participantes. Os dados produzidos foram analisados e interpretados à luz da análise de conteúdo<sup>4</sup>. Para dar conta deste estudo elegemos a análise de conteúdo e, por intermédio desta técnica de análise é possível alcançar a subjetividade e desvelar os sentidos explícitos e implícitos de qualquer mensagem. **Resultados e análise:** Deste processo emergiram três categorias. A primeira categoria – *A imagem social da mulher negra na perspectiva de mulheres negras universitárias* descreve a condição desigual da mulher negra na sociedade a partir da desvalorização do gênero feminino e da raça (sexismo e o racismo) e o corpo da mulher negra como objeto de sensualidade. A segunda categoria - *A formação universitária na vida de mulheres negras* desdobrou-se em duas categorias intermediárias: Situações positivas vivenciadas durante a formação (formação universitária como veículo para as transformações sociais e pessoais a partir da ampliação do conhecimento científico e a melhora na inserção social); Situações negativas (desigualdades de classes, sentimentos de indecisão, frustração frente à escolha do curso e limitações na aprendizagem e adaptação). A terceira categoria – *A autoimagem social de mulheres universitárias negras* desenvolve a percepção das entrevistadas acerca da sua autoimagem a partir do processo de formação universitária, e desdobra-se em visões positivas e negativas sobre sua autoimagem. A visão positiva destaca o empoderamento diante da sua condição étnica caracterizado por atitudes perseverantes e demonstração de competência no cotidiano, favorecendo o fortalecimento de posições sociais; algumas inclusive não identificam vivenciar diferenças sociais pela etnia. A visão negativa foi descrita a partir dos sentimentos de baixa estima, insegurança no posicionamento nos espaços sociais e a dificuldade de falar sobre a sua autoimagem. **Conclusão:** Para as depoentes a autoimagem se traduz não no estereótipo, mas, nas conquistas sociais que elas alcançam decorrente da formação universitária. A formação universitária se torna condição fundamental para transpor os estigmas sociais que interferem na imagem social deste grupo populacional na sociedade. **Contribuições:** Ao final deste estudo percebemos com clareza alguns pontos que merecem distintas discussões. O primeiro ponto diz respeito ao processo educacional, que apesar da crescente inserção da população feminina nos espaços de formação, ainda há muito que trilhar. Duas situações nos permitem refletir, uma se deve a presença reduzida de mulheres negras nos cursos de Mestrado, já que trabalhamos com os nove cursos da área de saúde que possuem um programa de Pós-graduação nos moldes do *Stricto sensu*. Interessante que, as depoentes foram encontradas em sua maioria nos Programas de Mestrado da Faculdade de Enfermagem; de Alimentação, Nutrição e Saúde; e, Fisiopatologia Clínica e Experimental, o que corrobora estudos anteriores que descrevem os cursos de graduação que as mulheres negras transitam, ou seja, as profissões ligadas ao cuidado. Outra situação seria pensarmos no cenário da pesquisa que, apesar de ter sido numa universidade da esfera estadual, e a mesma precursora em garantir o acesso da população negra a partir das Ações Afirmativas (2000) através da Política de Cotas. Percebemos que o espaço em que se produz a ciência no país ainda apresenta uma preeminência branca, sendo que para transpor esta barreira se faz necessário uma gama de pesquisas e pesquisadores que reconheçam a importância de estudos acerca desta população. Isto demonstra o quanto o país se encontra distante de atender às necessidades básicas que atendam de maneira equânime à especificidade de cada grupo populacional, quando falamos de educação superior e os espaços hegemonicamente brancos. O segundo ponto, se refere ao quantitativo de pesquisas realizadas pela área da enfermagem com mulheres negras, as mínimas produções abordam o adoecer e morrer deste grupo populacional. Tal resultado sugere

uma cristalização na perspectiva biomédica para este grupo populacional, ou seja, percebemos ou estudamos a patologia desse grupo, sem relacioná-la a fatores sócio-culturais e históricos. Isso pode inclusive favorecer a medicalização do processo de cuidar. Acreditamos que, outras vertentes carentes em pesquisas como a educação, a condição de vida e a maneira de ser e estar no mundo da população feminina negra. Este estudo desvela a escassez de produções nos periódicos que apresentam uma indexação de qualidade.

**Palavras-chaves:** Mulher. Etnia. Educação superior. Autoimagem. Enfermagem.

## REFERENCIAS

1. GÓIS, J. B. H. Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior. *Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 424, set./dez. 2008.
2. IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Síntese de Indicadores 2011. [Rio de Janeiro], 2011. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho e Rendimento/Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilios anual/2011/Sintese Indicadores/sintese\\_pnad2011.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2011/Sintese_Indicadores/sintese_pnad2011.pdf). Acesso em: 31 mar.2013.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução 196 do Conselho Nacional de Saúde. Brasília; 1996. Disponível em: [http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23\\_out\\_versao\\_final\\_196\\_ENCEP2012.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf)
4. BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.